

ARTIGO DE INVESTIGAÇÃO

Cyberbullying, Personalidade e Sintomatologia Psicopatológica em Adolescentes e Jovens Adultos

Cyberbullying, Personality and Psychopathological Symptoms in Adolescents and Young Adults

Ciberacoso, personalidad y síntomas psicopatológicos en adolescentes y jóvenes

Teresa Portilho Carvalho¹ , Otilia Monteiro Fernandes^{1,2} , Inês Moura de Sousa Carvalho Relva¹⁻³ 

¹ Departamento de Educação e Psicologia, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD), Portugal.

² Centro de Investigação em Psicologia para o Desenvolvimento (CIPD), Universidade Lusíada, Portugal.

³ Centro de Investigação em Desporto, Saúde, e Desenvolvimento Humano. Centro de Investigação e Intervenção Educativas da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Portugal.

Forma de citar: Carvalho, T. P., Fernandes, O.M., & Relva, I, C. (2023). Cyberbullying, Personalidade e Sintomatologia Psicopatológica em Adolescentes e Jovens Adultos. *Rev. CES Psico*, 16(2), 1-16. <https://dx.doi.org/10.21615/cesp.6389>

Resumo

O *cyberbullying* parece ter impacto sobre a saúde mental, das vítimas e dos agressores. O presente estudo teve como objetivo analisar a relação entre as duas formas de *cyberbullying*: vitimização (medido através do *Cybervictimization Questionnaire - CYVIC*) e a agressão (medido através do *Cyber-aggression Questionnaire- CYBA*), traços de personalidade (medidos através do *Ten Item Personality Inventory- TIPI*) e sintomatologia psicopatológica (medida através do *Brief Symptom Inventory- BSI*). A amostra foi constituída por 553 adolescentes e jovens adultos, com idades compreendidas entre os 17 e os 30 anos. Os resultados sugerem que 59.7% ($n= 330$) dos participantes foram alvos de pelo menos um comportamento de *cyberbullying* e 21.0% ($n= 116$) praticaram pelo menos um comportamento. Por último, verificou-se um efeito preditor positivo das dimensões psicoticismo, sensibilidade interpessoal, somatização e ideação paranoide sobre a cibervitimização, assim como um efeito preditor negativo da dimensão extroversão e positivo da dimensão amabilidade sobre a ciberagressão. Destaca-se a necessidade de trabalhar sobre a prevenção destes comportamentos, tendo em consideração os impactos que estes têm sobre a saúde mental, devendo a investigação, a prevenção e a intervenção focar-se em estudar e trabalhar com todos os intervenientes destes comportamentos.

Palavras-chave: cyberbullying; ciberagressão; cibervitimização; adolescentes; traços de personalidade; sintomas psicopatológicos.

Abstract

Cyberbullying is associated with impacts on the mental health of victims and offenders. The present study aimed to analyze the relationship between the two forms of cyberbullying: victimization (measured through the Cybervictimization Questionnaire- CYVIC) and aggression (measured through the Cyber-aggression Questionnaire- CYBA), personality traits (measured through the the Ten Item Personality Inventory- TIPI) and psychopathological symptoms (measured through the Brief Symptom Inventory- BSI). The sample consisted of 553 adolescents and young adults, aged between 17 and 30 years. The results suggest that 59.7% ($n=330$) of the participants were targets of at least one cyberbullying behavior and 21.0% ($n=116$) practiced at least one behavior. Finally, there was a positive predictive effect of the dimensions psychoticism, interpersonal sensitivity, somatization and paranoid ideation on cybervictimization, as well as a negative predictive effect of the extraversion and kindness dimensions on cyberaggression. The need to work on the prevention of these behaviors is

Fecha correspondência:

Recebido: 12 de setembro de 2021.

Aceito: 21 de novembro de 2022.

DOI: 10.21615/cesp.6389

ISSNe: 2011-3080

<https://revistas.ces.edu.co/index.php/psicologia>



highlighted, considering the impacts they have on mental health, and research, prevention and intervention should focus on studying and working with all those involved in these behaviors.

Keywords: cyberbullying; cyberaggression; cybervictimization; adolescents; personality traits; psychopathological symptoms.

Resumen

El ciberacoso se asocia con impactos en la salud mental de víctimas y agresores. El presente estudio tuvo como objetivo analizar la relación entre las dos formas de acoso cibernético: victimización (medida a través del Cuestionario de Victimización Cibernética- CYVIC) y agresión (medida a través del Cuestionario de Agresión Cibernética- CYBA), rasgos de personalidad (medidos a través del Inventario de Personalidad de Diez - TIPI) y síntomas psicopatológicos (medidos a través del Inventario Breve de Síntomas - BSI). La muestra estuvo conformada por 553 adolescentes y adultos jóvenes, con edades entre 17 y 30 años. Los resultados sugieren que el 59,7% (n=330) de los participantes fueron objeto de al menos una conducta de ciberacoso y el 21,0% (n=116) practicaron al menos una de estas conductas. Finalmente, se encontró un efecto predictivo positivo de las dimensiones psicoticismo, sensibilidad interpersonal, somatización e ideación paranoide sobre la cibervictimización, así como un efecto predictivo negativo de las dimensiones extraversión y amabilidad sobre la cyberagresión. Se destaca la necesidad de trabajar en la prevención de estas conductas, considerando los impactos que tienen sobre la salud mental; y la investigación, prevención e intervención deben enfocarse en estudiar y trabajar con todos los involucrados en estas conductas.

Palabras claves: ciberacoso; cyberagresión; cibervictimización; adolescentes; rasgos de personalidad; síntomas psicopatológicos.

Introdução

Cyberbullying

As tecnologias de informação e comunicação (TIC) permitiram o surgimento de novas formas de *bullying* o *cyberbullying* (Caetano et al., 2016).

O *cyberbullying* compreende o uso de meios digitais para assediar, ameaçar ou vitimizar outra pessoa de forma repetida e intencional, podendo acontecer em qualquer lugar e hora, assegurando o anonimato do agressor (António et al., 2020). Este tem vindo a ser reconhecido como um problema de saúde pública, com sérias consequências sociais, psicológicas e académicas para os jovens (Cross et al., 2016). As formas de violentar vão sendo modificadas ao longo do tempo e à medida que se verificam evoluções tecnológicas, por exemplo, com o acesso a dispositivos tecnológicos e à Internet este tipo de comportamento pode ser exercido com recurso a telemóveis, redes sociais, mensagens instantâneas, *e-mail* e páginas *web* (Felipe-Castaño et al., 2019).

Para Figueiredo e Matos (2017) para que possamos falar em *cyberbullying* é necessário que exista um desequilíbrio de poder entre a vítima e o agressor, em que causar dano à outra pessoa seja algo intencional, exista a repetição dos comportamentos e um uso inadequado da tecnologia. Contudo, a investigação sugere desigualdades nos pontos de corte para podermos considerar um comportamento como *cyberbullying* ou não.

Autores como Campbell e Bauman (2018) referem as desigualdades presentes na literatura face à repetição da ocorrência de comportamentos de *cyberbullying*, ou seja, considerar que estamos perante *cyberbullying* quando a ocorrência é de duas a três vezes por mês, ou conceituar apenas a ocorrência de um ato sem repetição. Deste modo, é importante ressaltar que a repetição ou não destes comportamentos não é explícita, dada a natureza das tecnologias digitais que asseguram a repetição e difusão dos mesmos (Slonje et al., 2013). Características para as quais os malefícios causados pelo *cyberbullying* sejam superiores, quando comparados com o *bullying*, dada a permanência do conteúdo agressivo e a possibilidade de visualização constante do mesmo (Costa-Fernandez & Souza, 2018).

A análise da prevalência destes comportamentos é extremamente importante, pois possibilita ter uma ideia da gravidade destes acontecimentos, fornecendo informação para que se possa intervir de forma apropriada (Balakrishnan, 2018). As taxas de prevalência de *cyberbullying* variam consideravelmente na literatura. Essas variações devem-se à população em estudo, ao sexo e à faixa etária (Chao & Yu, 2017). Posto isto, torna-se difícil comparar estudos relativamente à prevalência. Em Portugal, um estudo realizado com esta temática por João, João e Portelada (2011), em que os participantes tinham idades compreendidas entre os 11 e os 60 anos, verificaram que 78.1% da população estudada estava familiarizada com o fenómeno *cyberbullying*, contudo, apenas 14% dos sujeitos referiram ter consciência de ser vítima destes comportamentos. E, cerca de 82.5% da amostra desse estudo, referencia ter sido alvo de pelo menos um comportamento, no entanto, 68.5% dos participantes não se identificam como vítimas. Um outro estudo português mais recente, realizado em 2015, por Francisco, Simão, Ferreira e Martins em que a idade mínima dos participantes foi de 18 anos de idade, verificaram que 145 dos participantes (27.94%) afirmaram ter sido vítimas e 42 participantes (8%) afirmaram ter sido agressores de *cyberbullying*.

A recente situação pandémica pode ter sido responsável pelo aumento de riscos *online* como o *cyberbullying*, particularmente devido ao contexto de maior comunicação digital e imposição de distanciamento social (Yang, 2021). Um estudo de António et al. (2020) realizado em contexto de pandemia por COVID-19 em Portugal, verificou que de um total de 485 estudantes, com idades compreendidas entre os 16 e os 34 anos, 61.4% afirmaram terem sido vítimas, durante o período da quarentena, e 40.8% afirmou ter sido agressor e 86.8% observador. A isto é acrescido o potencial cenário de catástrofe na saúde mental que só se irá verificar após o período de pandemia (Faro et al., 2020). Para já, tem-se verificado que a situação pandémica por COVID-19 tem estado associada a impactos na saúde mental, sendo evidenciados sintomas de ansiedade, depressão, stresse e distúrbios no sono, como reações psicológicas comuns à pandemia (Rajkumar, 2020).

Cyberbullying e Traços de Personalidade

Os traços de personalidade influenciam e predispõem o comportamento de uma pessoa no contexto social e virtual, sendo por isso importantes para perceber a complexidade do comportamento humano, principalmente na sociedade atual que faz uso da Internet diariamente (Servidio, 2019). A avaliação dos traços da personalidade permite verificar as diferenças entre os sujeitos, ou seja, os padrões estáveis, constantes e persistentes da personalidade (Fernandes, 2000).

A investigação empírica tem demonstrado as associações entre traços de personalidade e comportamentos de *cyberbullying*. A este respeito, Zhou et al. (2019) verificaram que a amabilidade apresentou uma associação negativa com a perpetração de *cyberbullying*. Assim como a presença de níveis elevados nas dimensões neuroticismo e extroversão e níveis baixos em conscienciosidade estão associados a comportamentos de risco nas redes sociais, o que poderá ter como consequências a vitimização por *cyberbullying* (Rodríguez-Enríquez et al., 2019). No entanto, Festl e Quandt (2013) verificaram que as vítimas destes comportamentos se apresentam como mais reservadas e zelosas, já os agressores apresentavam níveis mais elevados de extroversão, em contrapartida exibem níveis baixos de conscienciosidade e amabilidade. Um outro estudo em que o objetivo era perceber a relação entre traços de personalidade e *cyberbullying*, usando o modelo *Big Five* e *Dark Triad* para a deteção deste comportamento através das personalidades dos utilizadores de redes sociais, verificaram que a extroversão, a amabilidade e o neuroticismo apresentaram relações significativas com a agressão por *cyberbullying* (Balakrishnan et al., 2019).

Os níveis baixos de conscienciosidade indicam indivíduos tendentes a envolverem-se em comportamentos de risco e pautados por violência, dado que apresentam menor prevenção face a comportamentos *online* (Rodríguez-Enríquez et al., 2019); contrariamente, níveis elevados deste traço remete para características como responsabilidade e zelo (Stoughton et al., 2013). Níveis elevados de neuroticismo revelam a não existência de controlo emocional, e o traço de personalidade extroversão diz respeito a pessoas que se envolvem e desfrutam de interações sociais, compartilhando as emoções com os outros (Rodríguez-Enríquez et al., 2019). Quanto à

abertura à experiência, pontuações baixas neste traço de personalidade podem remeter para pessoas conservadoras, pouco tolerantes e que por isso, poderão estar mais predispostas a se envolverem em situações de violência com os pares (Etkin et al., 2020). Quando falamos em extroversão, neuroticismo e abertura à experiência, podemos constatar que se trata de sujeitos que tendem a fazer um uso maior da tecnologia com o fim de se comunicarem (Marshall et al., 2015). Por fim, pessoas com níveis elevados de amabilidade apresentam tendência para serem gentis, confiantes e altruístas, o que de certa forma os poderá inibir de se envolverem na perpetração de *cyberbullying* (Balakrishnan et al., 2019).

Um estudo com jovens portugueses, realizado por Caetano et al. (2017), permitiu apurar que os participantes que se reconheciam como agressores de *cyberbullying*, apresentavam motivos para o seu comportamento, tais como: brincadeira, diversão e fuga ao tédio. Enquanto as vítimas atribuíam ao comportamento dos agressores motivos instrumentais, como: afiliação, poder, inveja, ciúme, falta de respeito, sentimento de superioridade, e motivos pessoais como imaturidade. António et al. (2020) identificaram que o motivo mais indicado pelos agressores para praticar *cyberbullying* foi: brincadeira, seguido de vingança relativamente a episódios que aconteceram e quererem afirmar-se. Verifica-se que os agressores por estes comportamentos apresentam características como ser manipuladores e agressivos, enquanto as vítimas exibem autoestima baixa (Resett & Gamez-Guadix, 2017). Traços de agressividade e crenças relacionadas com agressão também apresentam correlações positivas com a perpetração de *cyberbullying* (Song et al., 2019).

Os utilizadores de redes sociais tendem a expressar as suas opiniões, surgindo assim a possibilidade de avaliar perfis psicológicos e detetar padrões de personalidade que poderão contribuir na deteção de comportamentos como o *cyberbullying*, através da comunicação *online* (Balakrishnan et al., 2019). Essa identificação de características de personalidade poderá ser importante na atenuação de comportamentos *online* desadequados (Balakrishnan et al., 2019).

Cyberbullying e Sintomatologia Psicopatológica

A literatura sugere a presença de consequências na saúde mental dos agressores e vítimas de comportamentos de *cyberbullying*. Kowalski e Limber (2013) encontraram que tanto os ciberagressores como as cibervítimas apresentavam piores pontuações em medidas de saúde física, psicológica e desempenho académico.

A vitimização por *cyberbullying* está associada a impactos psicológicos negativos (Safaria, 2016). As vítimas de *cyberbullying* apresentam presença de sintomatologia depressiva (Ho et al., 2020; Jung et al., 2014; Ortega-Barón et al., 2015; Ortega-Barón et al., 2017; Ortega-Barón et al., 2019), maior ansiedade (Ayas & Deniz, 2014) e somatização (Garaigordobil & Machimbarrena, 2019). Schenk e Fremouw (2012), também constataram a presença de sintomatologia psicopatológica de depressão, ansiedade, ansiedade fóbica e ideação paranoide em cibervítimas, através do uso do instrumento *Symptom Checklist – 90 – Revision* (SCL-90-R).

As investigações têm demonstrado a panóplia de impactos negativos que a cibervitimização tem sobre as vítimas. É relatada uma diminuição na perceção de satisfação com a vida (Ortega-Barón et al., 2019; Ortega-Barón et al., 2017) decorrente da continuidade dos atos de *cyberbullying*, fazendo com que as vítimas percecionem maior solidão (Larrañaga et al., 2016; Ortega-Barón et al., 2019). Um estudo de Schenk e Fremouw (2012) verificou que as vítimas de *cyberbullying* relatavam frustração, stresse, tristeza, agressividade e dificuldades de concentração. Uma outra investigação teve como objetivo explorar a existência de diferenças no ajustamento psicológico e no ajustamento social entre vítimas de *cyberbullying* e não vítimas, tendo sido verificado que as primeiras apresentavam níveis mais elevados de stresse percebido (Martínez-Monteagudo et al., 2020; Ortega-Barón et al., 2015; Ortega-Barón et al., 2017) e pontuações mais baixas relativamente à perceção de apoio social dos sistemas formais (Ortega-Barón et al., 2015). Também se verifica a presença de ideação suicida (Iranzo et al., 2019) e pensamentos suicidas (Martínez-Monteagudo et al., 2020). António et al. (2020) constataram no seu estudo com o tema *cyberbullying* realizado durante a quarentena por COVID-19, que os estudantes que foram vítimas apresentaram consequências psicológicas, tais como, sentirem-se tristes, nervosos e irritados.

A cibervitimização tem recebido atenção estimável por parte da literatura científica, o mesmo não se poderá dizer sobre estudos com ciberagressão e a relação com outras variáveis como sintomatologia psicopatológica (Campbell et al., 2013; Garaigordobil et al., 2020). Alguma literatura tem retratado os impactos psicológicos que padecem os agressores destes comportamentos. Nomeadamente, a presença de sintomatologia psicopatológica como depressão, stresse e ansiedade e dificuldades nas interações sociais (Campbell et al., 2013), bem como presença de comportamentos agressivos (Jung et al., 2014). Também têm sido relatadas pontuações mais baixas nas dimensões de autoconceito tanto para cibervítimas como ciberagressores (Ildirim et al., 2017). Um estudo de Garaigordobil et al. (2020), verificou, utilizando o *Symptom Checklist – 90 – Revision* (SCL-90-R), a presença de sintomatologia psicopatológica em todas as dimensões que compõem esta escala: depressão, somatização, obsessões-compulsões, sensibilidade interpessoal, ansiedade, hostilidade, ideação paranoide e psicoticismo, em agressores de *cyberbullying*. Também constataram que os ciberagressores apresentavam menores sentimentos de felicidade, bem como menos empatia, considerando que um nível menor de felicidade por parte destes indivíduos pode estar relacionado com o nível elevado de sofrimento psicológico que apresentam, dada a presença de todas as dimensões de psicopatologia. Além disso, estes autores detetaram que os ciberagressores procuraram mais ajuda psicológica do que os não ciberagressores.

Um estudo português de Caetano et al. (2016) com a temática *cyberbullying*, teve como objetivo principal a identificação e interpretação das emoções experienciadas pelas vítimas e agressores deste comportamento, tendo-se concluído que as vítimas apresentavam emoções como: tristeza, vontade de vingança e medo. Em contrapartida, os agressores demonstravam sentir satisfação, indiferença, alívio e prazer assim como dificuldades empáticas por parte dos agressores em relação às vítimas, mesmo quando estes eram simultaneamente agressores e vítimas (Caetano et al., 2016). Também António et al. (2020), no seu estudo com a mesma temática, identificaram que as emoções mais referidas pelas vítimas foram: insegurança, raiva, tristeza e preocupação, enquanto as emoções referenciadas pelos agressores foram: indiferença, culpa, raiva e alegria.

Tendo em conta o referido, os objetivos do presente estudo foram: (i) explorar a prevalência das duas formas de *cyberbullying*: vitimização e agressão; (ii) verificar o efeito preditor dos traços de personalidade e sintomatologia psicopatológica em vítimas e agressores de *cyberbullying*. Deste modo, este estudo propõe-se estudar um conjunto de variáveis pouco investigadas e não se foca apenas em cibervítimas, mas também nos ciberagressores, examinando as respetivas variáveis psicológicas.

Método

O presente estudo tem por base uma metodologia quantitativa e transversal, uma vez que a recolha de dados foi realizada num único momento. O seu carácter quantitativo relaciona-se com a quantificação de fenómenos através de procedimentos estatísticos (Marôco, 2007).

Participantes

A amostra foi de conveniência não cumprindo os requisitos de amostra aleatória. Considerou-se como critério de exclusão, por exemplo, não ser estudante. E como critério de inclusão pertencer à faixa etária de adolescentes e jovens adultos. A amostra foi constituída por 553 participantes, 89 do sexo masculino (16.1 %) e 464 do sexo feminino (83.9%). Os participantes têm idades compreendidas entre os 17 e os 30 anos, apresentando uma média de idades de 20.25 e desvio-padrão 2.36. Relativamente à escolaridade, os participantes maioritariamente frequentavam o ensino superior 497 (89.9%) e 56 (10.1%) o ensino secundário.

Instrumentos

Questionário de dados sociodemográficos, aplicado com o objetivo de caracterizar os participantes nas seguintes dimensões: sexo, idade, ano de escolaridade e hábitos de uso da Internet.

Cybervictimization Questionnaire (CYVIC) de Álvarez-García et al. (2017), traduzido por Fernandes e Relva

(2019b). Este questionário foi criado com o objetivo de avaliar até que ponto o participante é vítima de agressão através do telemóvel ou Internet, e é composto por 19 itens. Os participantes devem indicar a frequência com que foram vítimas dos comportamentos indicados nos últimos três meses (item 3: “Colocaram na internet fotos minha falsas (modificadas), para me causarem dano ou rirem-se de mim”), numa escala de tipo Likert de 4 pontos (1-“nunca”; 2-“raramente”; 3-“frequentemente”; 4-“sempre”). O CYVIC tem 4 fatores e 4 indicadores complementares, sendo que, neste estudo, e indo ao encontro dos objetivos, a cibervitimização foi avaliada utilizando a escala completa, ou seja, através da soma da pontuação total de cada participante (mínimo 19 pontos e máximo 76 pontos), sendo que pontuações mais elevadas corresponderão a maiores níveis de vitimização. Considera-se vítima de *cyberbullying*, segundo os autores, os participantes que forem alvo de, pelo menos, um comportamento da escala. A consistência interna obtida pelos autores quando utilizaram a escala completa (Álvarez-García et al., 2018) foi adequada, com um alfa de Cronbach de .79. Para a presente amostra o alfa de Cronbach foi de .83, o que revela uma boa consistência interna. A análise fatorial confirmatória confirma o ajustamento dos valores, sendo $\chi^2/df = 3.275$, GFI= .98, CFI= .98 e RMSEA= .06.

Cyber-aggression Questionnaire (CYBA) de Álvarez-García et al. (2016), traduzido por Fernandes e Relva (2019a). Este questionário é composto por 19 itens, descrevendo agressões conduzidas através do telemóvel ou Internet. O participante deverá indicar a frequência com que praticou os vários comportamentos nos últimos 3 meses (item 3: “Coloquei na internet fotos falsas (modificadas), de outras pessoas para causarem dano ou rirem-se de elas”), utilizando uma escala de tipo Likert com quatro opções (1-“nunca”; 2-“raramente”; 3-“frequentemente”; 4-“sempre”). O CYBA tem 3 fatores e 4 indicadores complementares, sendo que, neste estudo, e indo ao encontro dos objetivos, a ciberagressão foi avaliada utilizando a escala completa, ou seja, através da soma da pontuação total de cada participante (mínimo 19 pontos e máximo 76 pontos), sendo que pontuações mais elevadas corresponderão a maiores níveis de agressão. Considera-se agressor de *cyberbullying*, segundo os autores, os participantes que praticaram pelo menos um comportamento da escala. A consistência interna obtida pelos autores quando utilizaram a escala completa (Álvarez-García et al., 2018) foi adequada, com um alfa de Cronbach de .82. Para a presente amostra o alfa de Cronbach foi de .77, o que revela uma boa consistência interna. A análise fatorial confirmatória confirma o ajustamento dos valores, sendo $\chi^2/df = 3.170$, GFI= .98, CFI= .97 e RMSEA= .06.

Ten Item Personality Inventory (TIPI), (Goslin et al., 2003). Esta escala de autorrelato foi validada e adaptada para a população portuguesa por Nunes et al. (2018). É uma escala breve, que mede cada um dos cinco grandes fatores da personalidade, a saber, abertura à experiência, amabilidade, conscienciosidade, estabilidade emocional e extroversão. É composta por 10 itens, que são avaliados numa escala tipo Likert de 7 pontos (1-“Discordo Totalmente”; 2-“Discordo Moderadamente”; 3-“Discordo um pouco”; 4-“Nem concordo nem discordo”; 5 “Concordo um pouco”; 6-“Concordo Moderadamente”; 7-“Concordo Totalmente”). Contém dois itens para cada um dos seguintes fatores: Abertura à experiência (item 5: “Vejo-me como uma pessoa com muitos interesses, aberta a experiências novas”), Amabilidade (item 2: “Vejo-me como uma pessoa conflituosa, que critica os outros”), Conscienciosidade (itens 3: “Vejo-me como uma pessoa de confiança, com autodisciplina”), Estabilidade Emocional (itens 4: “Vejo-me como uma pessoa ansiosa, que se preocupa facilmente”) e Extroversão (itens 1: “Vejo-me como uma pessoa extrovertida, entusiasta”). A consistência interna obtida pelos autores aquando da validação da escala foram os seguintes: Extroversão ($\alpha = .72$), Amabilidade ($\alpha = .39$), Conscienciosidade ($\alpha = .45$), Estabilidade Emocional ($\alpha = .43$), Abertura à experiência ($\alpha = .60$) (Nunes et al., 2018). Para a presente amostra os valores do alfa de Cronbach foram: Extroversão ($\alpha = .72$), Amabilidade ($\alpha = .44$), Conscienciosidade ($\alpha = .34$), Estabilidade Emocional ($\alpha = .48$) e Abertura à experiência ($\alpha = .43$). O autor original da escala, fornece uma nota sobre a confiabilidade dos alfas das dimensões e a estrutura fatorial do instrumento¹, que tendem a apresentar valores baixos. A validação portuguesa deste instrumento, concluiu que o TIPI é uma alternativa fiável e válida quando comparada com instrumentos mais extensos para avaliar a personalidade, tornando-se favorável na área da investigação dada a limitação de tempo (Nunes et al., 2018).

¹ <http://gosling.psy.utexas.edu/scales-weve-developed/ten-item-personality-measure-tipi/>

Brief Symptom Inventory (Degoratis, 1982), que foi traduzido e adaptado para a população portuguesa com o nome de Inventário de Sintomas Psicopatológicos (BSI), por Canavarro (1999). Constitui uma versão abreviada do SCL-90-R. É um instrumento de autorrelato constituído por 53 itens, que tem como objetivo avaliar os sintomas psicopatológicos em termos de nove dimensões de sintomatologia psicopatológica: Somatização (item 2: “Desmaios ou tonturas”), Obsessões-compulsões (item 5: “Dificuldade em se lembrar de coisas passadas ou recentes”), Sensibilidade interpessoal (item 20: “Sentir-se facilmente ofendido nos seus sentimentos”), Depressão (item 9: “Pensamentos de acabar com a vida”), Ansiedade (item 1: “Nervosismo ou tensão interior”), Hostilidade (item 6: “Aborrecer-se ou irritar-se facilmente”), Ansiedade fóbica (item 8: “Medo na rua ou praças públicas”), Ideação paranoide (item 4: “Ter a ideia que os outros são culpados pela maioria dos seus problemas”) e Psicoticismo (item 3: “Ter a impressão que as outras pessoas podem controlar os seus pensamentos”) e três índices globais, o Índice Geral de Sintomas (IGS), o Total de Sintomas Positivos (TSP) e o Índice de Sintomas Positivos (ISP). Os itens são apresentados sob a forma de uma escala, do tipo Likert, de 5 pontos, (1- “Nunca”; 2- “Poucas vezes”; 3- “Algumas vezes”; 4- “Muitas vezes”; 5- “Muitíssimas vezes”). A análise das pontuações obtidas nas nove dimensões fornece informação sobre o tipo de sintomatologia que mais perturba o indivíduo. Os valores da consistência interna obtidos pelo autor aquando da validação da escala foram os seguintes: Somatização ($\alpha = .80$), Obsessões-Compulsões ($\alpha = .77$), Sensibilidade Interpessoal ($\alpha = .76$), Depressão ($\alpha = .73$), Ansiedade ($\alpha = .77$), Hostilidade ($\alpha = .76$), Ansiedade Fóbica ($\alpha = .62$), Ideação Paranoide ($\alpha = .72$), Psicoticismo ($\alpha = .62$) (Canavarro, 2007). Para a presente amostra os valores dos alfas de Cronbach revelaram boa consistência interna: Somatização ($\alpha = .87$), Obsessões-Compulsões ($\alpha = .80$), Sensibilidade Interpessoal ($\alpha = .86$), Depressão ($\alpha = .89$), Ansiedade ($\alpha = .86$), Hostilidade ($\alpha = .76$), Ansiedade Fóbica ($\alpha = .81$), Ideação Paranoide ($\alpha = .82$), Psicoticismo ($\alpha = .78$). A análise fatorial confirmatória confirma o ajustamento dos valores, sendo $\chi^2/df = 3.760$, GFI= .92, CFI= .96 e RMSEA= .07.

Procedimentos

Inicialmente foi submetido o protocolo de recolha de dados à Comissão de Ética de Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, que deu um parecer favorável quanto à sua aplicação, baseada na Declaração de Helsínquia.

No entanto, decorrente da pandemia por COVID-19, a recolha de dados que inicialmente iria ser realizada presencialmente não foi possível. Por conseguinte, foi exposto à Comissão de Ética da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro o sucedido e solicitada a possibilidade de fazer a recolha dos dados *online*, sendo este pedido aprovado. Procedeu-se à criação e construção do questionário *online* com recurso ao software *LimeSurvey*.

Antes, porém, foi realizado o contacto com os autores das escalas relativas à variável *cyberbullying*: CYVIC e CYBA de forma a solicitar autorização para a aplicação das escalas a estudantes com idade superior a 18 anos de idade, sendo este pedido aprovado. A aplicação a estudantes com idade igual ou superior a 18 anos foi mais célere pelo facto de estes puderem aceder ao *link* e responder no imediato. Isto porque, com menores de 18, o consentimento informado teria de ser disponibilizado aos encarregados de educação e dada a interrupção das aulas decorrente da pandemia por covid, essa etapa ficou comprometida.

Finalmente, procedeu-se à recolha de dados através da divulgação de um *link* disponibilizado nas redes sociais tais como *Facebook*, *Instagram* e via *e-mail* a estudantes com idade igual ou superior a 18 anos. Durante esta fase os participantes foram sempre informados sobre o objetivo geral do estudo, sendo garantidas as condições de confidencialidade e anonimato, e assinaram o respetivo consentimento informado.

Estratégias de análise de dados

Inicialmente procedeu-se à exportação de dados do *software LimeSurvey* para a aplicação *Microsoft Excel*. Foram importados apenas os questionários com preenchimento completo. Posteriormente, realizou-se a importação

desses dados para o *software* SPSS (IBM SPSS *Statistics*, versão 25) e foi feita a transformação de valores das variáveis de forma a ficarem quantificáveis. Não foi necessário identificar *missings* na amostra uma vez que só foram utilizados os questionários com preenchimento completo e nestes não era possível a sua submissão sem que todas as questões tivessem resposta. Foi calculado o grau de consistência interna das variáveis em estudo recorrendo ao alfa de Cronbach com o objetivo de verificar se os instrumentos utilizados eram fiáveis face à amostra recolhida (Marôco, 2014).

De seguida, foi utilizado o AMOS (IBM SPSS AMOS, versão 23.0), para verificar com maior rigor a adequação e ajustabilidade dos instrumentos face à amostra em estudo, tendo sido efetuadas análises fatoriais confirmatórias de 1ª ordem.

Seguidamente, a normalidade foi avaliada através da assimetria e curtose, tendo o pressuposto da normalidade sido violado para a variável ciberagressão (avaliada pelo CYBA).

Desta forma, através das estatísticas descritivas foram obtidas as frequências e os valores de prevalência. Por fim, realizou-se uma regressão hierárquica múltipla no sentido de verificar o poder preditor das variáveis independentes: traços de personalidade (medido pelo instrumento TIPI) e sintomatologia psicopatológica (medido pelo instrumento BSI) sobre a variável dependente de cibervitimização (medida pelo instrumento CYVIC) e ciberagressão (medida pelo instrumento CYBA).

Resultados

Prevalência total das duas formas de *cyberbullying*: vitimização e agressão

No presente estudo foi analisada a prevalência da vitimização e agressão por *cyberbullying* (cf. [Tabela 1](#)). De forma a avaliar a prevalência de *cyberbullying* na presente amostra, considerou-se para efeitos desta análise todos aqueles que tivessem assinalado pelo menos um comportamento de *cyberbullying*.

Ambas as escalas (CYVIC; CYBA) permitem obter um mínimo de 19 pontos e um máximo de 76 pontos, e dado que não apresentam pontos de corte, considera-se que estamos perante estas problemáticas quando os indivíduos pontuam pelo menos um comportamento. Deste modo, é possível verificar que cerca de 59.7% ($n= 330$) dos participantes foram alvos de pelo menos um comportamento de *cyberbullying* e 21.0% ($n= 116$) praticou pelo menos um comportamento de *cyberbullying*, obtido através do somatório de todos os itens de cada escala.

Tabela 1. Prevalência da Cibervitimização e Ciberagressão.

Variáveis	Frequência	Percentagem
CYVIC		
Sim	330	59.7 %
Não	223	40.3 %
CYBA		
Sim	116	21.0 %
Não	437	79.0 %

Nota: CYVIC = *Cybervictimization Questionnaire*; CYBA = *Cyber-Aggression Questionnaire*.

Papel preditor dos traços de personalidade e da sintomatologia psicopatológica sobre as duas formas de *cyberbullying*: vitimização e agressão

De forma a verificar o papel preditor dos traços de personalidade nos comportamentos de *cyberbullying*: de

vitimização e agressão, procedeu-se à realização de análises de regressão múltipla hierárquica, tendo como variável dependente a cibervitimização e ciberagressão (cf. [Tabela 2](#)). Através da realização das análises de regressão múltipla hierárquica, é possível verificar quais as variáveis independentes que melhor contribuem para a previsão da variável dependente (Pallant, 2011). Para o efeito, foram introduzidos dois blocos, especificamente, traços de personalidade (medidos pelo instrumento TIPI) e sintomatologia psicopatológica (medida pelo instrumento BSI).

Na análise de regressão múltipla hierárquica para a variável dependente *cibervitimização* foram introduzidos 2 blocos.

No que respeita ao bloco 1, o *TIPI* (medida dos traços de personalidade), contribuiu de forma significativa para o modelo $F(5,547) = 3.645$, $p = .003$, explicando 3.2 % da variância total ($R^2 = .032$), contribuindo em 3.2 % de forma individual para a variância do modelo ($R^2 \text{ change} = .032$).

O bloco 2, demonstra que o *BSI* (medida da sintomatologia psicopatológica), verificou-se que contribuiu de forma significativa para o modelo $F(9,538) = 8.886$, $p < .001$, explicando 18.8 % da variância total ($R^2 = .188$), contribuindo em 15.6 % de forma individual para a variância do modelo ($R^2 \text{ change} = .156$).

Através da análise individual do contributo de cada uma das variáveis independentes dos blocos, constatou-se que quando o efeito de sobreposição de todas as outras variáveis é estatisticamente controlado, existem quatro dimensões que apresentam uma contribuição estatisticamente positiva e significativa ($p < .05$) enquanto predictoras dos comportamentos de cibervitimização. A dimensão do BSI *psicoticismo* ($\beta = .255$) foi a que contribuiu mais fortemente para explicar a variável dependente, sendo que a significância estatística da presente dimensão foi de .003. Seguidamente, a dimensão do BSI *sensibilidade interpessoal* ($\beta = .183$) que apresentou uma significância estatística de .023. A dimensão do BSI *somatização* ($\beta = .169$) que apresentou uma significância estatística de .014. E por fim, a dimensão do BSI *ideação paranoide* ($\beta = .140$) que apresentou uma significância estatística de .040.

Procedeu-se também à análise de regressão múltipla hierárquica para a variável dependente *ciberagressão*, sendo introduzidos 2 blocos.

No que respeita ao bloco 1, o *TIPI* (medida dos traços de personalidade), contribuiu de forma significativa para o modelo $F(5,547) = 5.684$, $p < .001$, explicando 4.9% da variância total ($R^2 = .049$), contribuindo em 4.9% de forma individual para a variância do modelo ($R^2 \text{ change} = .049$).

O bloco 2, demonstra que o *BSI* (medida da sintomatologia psicopatológica), contribuiu de forma significativa para o modelo $F(9,538) = 1.962$, $p < .001$, explicando 5.6% da variância total ($R^2 = .056$), contribuindo em 3% de forma individual para a variância do modelo ($R^2 \text{ change} = .030$).

Através da análise individual do contributo de cada uma das variáveis independentes dos blocos, constatou-se que quando o efeito de sobreposição de todas as outras variáveis é estatisticamente controlado, existe uma dimensão que apresentam uma contribuição estatisticamente positiva e significativa ($p < .05$) e uma outra que apresenta uma contribuição estatisticamente negativa e significativa, enquanto predictoras dos comportamentos de ciberagressão. A dimensão do TIPI *extroversão* ($\beta = .148$) foi a que contribuiu mais fortemente para explicar a variável dependente, sendo que a significância estatística da presente dimensão foi de .002. A dimensão do TIPI *amabilidade* ($\beta = -.139$), apresentou uma significância estatística de .033. Desta forma, verificou-se que a dimensão extroversão apresentou uma contribuição positiva e a amabilidade uma contribuição negativa.

Tabela 2. *Análise Preditiva: Papel Preditor da Personalidade e da Sintomatologia Psicopatológica na Cibervitimização e Ciberagressão.*

	<i>R</i> ²	<i>R</i> ² Change	B	SE	β	<i>t</i>	<i>p</i>
CYVIC							
Bloco 1- TIPI	.032	.032					
Extroversão			.101	.084	.053	1.202	.230
Abertura à experiência			.138	.118	.052	1.164	.245
Amabilidade			-.122	.138	-.038	-.881	.378
Conscienciosidade			-.029	.108	-.011	-.264	.792
Estabilidade Emocional			.026	.115	.010	.227	.820
Bloco 2- BSI	.188	.156					
Somatização			.648	.264	.169	2.453	.014
Obsessões Compulsões			-.357	.252	-.095	-1.415	.158
Sensibilidade Interpessoal			.547	.240	.183	2.276	.023
Depressão			-.325	.274	-.100	-1.189	.235
Ansiedade			-.091	.302	-.026	-3.03	.762
Hostilidade			-.189	.267	-.044	-.705	.481
Ansiedade fóbica			-.050	.212	-.025	-.425	.671
Ideação Paranoide			.469	.228	.140	2.055	.040
Psicoticismo			.925	.309	.255	2.993	.033
CYBA							
Bloco 1- TIPI	.049	.049					
Extroversão			.120	.038	.148	3.139	.002
Abertura à experiência			.058	.094	.051	1.073	.284
Amabilidade			-.189	.063	-.135	-3.017	.033
Conscienciosidade			-.032	.049	-.030	-6.50	.516
Estabilidade emocional			-.020	.053	-.019	-.338	.698
Bloco 2- BSI	.056	.030					
Somatização			.080	.120	.045	.665	.506
Obsessões compulsões			-0.76	.115	-.047	-.662	.508
Sensibilidade interpessoal			.042	.109	.033	.380	.704
Depressão			.028	.125	.020	.223	.823
Ansiedade			-0.55	.138	-.036	-.402	.688
Hostilidade			.017	.122	.009	.136	.892
Ansiedade fóbica			-.091	.097	-.059	-.943	.346
Ideação paranoide			.098	.104	.069	.947	.344
Psicoticismo			.214	.141	1.38	1.522	.125

Nota: Nota. B, SE e β para um nível de significância de $p < .05$; os negritos representam os valores significativos. Bloco 1- *Ten Item Personality Inventory* (TIPI); Bloco 2- *Brief Symptom Inventory* (BSI).

Discussão

O presente estudo teve como objetivo verificar a relação entre a cibervitimização e a ciberagressão com os traços de personalidade e a sintomatologia psicopatológica numa amostra de adolescentes e jovens adultos. Desta

forma, procurou-se explorar a prevalência de cibervitimização e de ciberagressão na amostra. E por fim, foi analisado o papel preditor dos traços de personalidade e da sintomatologia psicopatológica sobre a cibervitimização e ciberagressão.

No que diz respeito à prevalência dos comportamentos de *cyberbullying*, foi possível identificar que 59.7% ($n = 330$) dos participantes apresentam-se como vítimas e, 21.0% ($n = 116$) dos participantes como agressores de *cyberbullying*. As investigações empíricas tendem a explorar a prevalência dos comportamentos de *cyberbullying* (Larrañaga et al., 2016). No entanto, as taxas de prevalência das investigações sofrem variações devido a um conjunto de fatores, como por exemplo, o tipo de amostra utilizado e o período em que esse comportamento é mensurado, que pode ser medido através da ocorrência no último ano, ou nos últimos três meses (Balakrishnan, 2018). Assim como a escolha dos pontos de corte, ou seja, a frequência com que um comportamento tem de ocorrer para ser considerado *cyberbullying* (Campbell & Bauman, 2018). Neste estudo, o ponto de corte utilizado pelos autores das escalas foi o envolvimento dos participantes em pelo menos um comportamento (Álvarez-García et al., 2017; Álvarez-García et al., 2016), assim como em outras investigações empíricas (Kubiszewski et al., 2015; Simsek et al., 2019). A definição destes comportamentos, bem como a repetição ou não dos mesmos é algo que merece maior abordagem na investigação (Slonje et al., 2013). Isto porque considerar a existência de ocorrência de uma vez do comportamento sem repetição não é clara, dado que um ato de *cyberbullying* pode resultar na multiplicação de outros atos, como por exemplo, a publicação de uma imagem na Internet que pode ser vista e reencaminhada por inúmeras pessoas, que não o agressor inicial (Slonje et al., 2013). A repetição desse ato inicial por outros pode repercutir em várias ações praticadas por diferentes pessoas, sendo necessário explorar se essa repetição que não é efetuada pelo agressor inicial ainda é considerada *cyberbullying* (Slonje et al., 2013). Um estudo de Arıcak (2009), apresentou taxas de prevalência semelhantes às encontradas no presente estudo, em que numa amostra constituída por 695 participantes, com idades compreendidas entre os 18 e 22, 19.7% dos alunos da amostra relataram ter-se envolvido em comportamentos de *cyberbullying* como agressores pelo menos uma vez, e 54.4% dos alunos relataram ter sido vítimas de *cyberbullying* pelo menos uma vez na vida. Em Portugal, foram encontradas prevalências semelhantes num estudo realizado a estudantes com idades compreendidas entre os 16 e 34 anos durante a pandemia por COVID-19 (cf. António et al., 2020). O facto de os resultados do estudo de António et al. (2020) serem semelhantes às prevalências encontradas no presente estudo, pode evidenciar o que é descrito na presente literatura acerca da situação pandémica atual: há um aumento de riscos *online*, nomeadamente de *cyberbullying*, dado o contexto de maior comunicação digital imposta pelos períodos de confinamento e pelo distanciamento social (Yang, 2021). De salientar, que as taxas de prevalência podem sofrer de vieses devido à deseabilidade social (Balakrishnan, 2018; Martínez-Monteagudo et al., 2020). O enviesar de respostas consiste em responder de forma incoerente aos itens dos instrumentos, sendo que a deseabilidade social corresponde a um enviesamento de respostas, em que os indivíduos atribuem a si mesmos comportamentos que sejam socialmente esperados (Almiro, 2017). Desta forma, é importante ao abordar estes fenómenos termos presente uma definição consistente e clara para a compreensão destes comportamentos (Law et al., 2012).

Os resultados obtidos na análise da regressão múltipla hierárquica, permitiram verificar que as dimensões de sintomatologia psicopatológica: a somatização, a sensibilidade interpessoal, o psicoticismo e a ideação paranoide, preveem positivamente a cibervitimização. Ou seja, os sujeitos que apresentam esta sintomatologia psicopatológica têm maior tendência para se envolver em comportamentos *online* de risco como a cibervitimização. Tendo por base os resultados, pode-se argumentar que, a somatização é uma dimensão que representa um componente somático da ansiedade. E, verifica-se que indivíduos que apresentam sintomatologia ansiosa, possam estar mais facilmente expostos à vitimização, isto porque procuram outros meios de interação, que não os face a face (Şahin et al., 2012). Indivíduos que não são sociáveis ou que padecem de ansiedade distanciam-se de relações sociais e usam ambientes cibernéticos para se puderem expressar, o que pode ser um fator de risco para serem cibervítimas (Şahin et al., 2012). A sensibilidade interpessoal pressupõe a presença de sentimentos de inadequação pessoal e de inferioridade que as pessoas sentem em comparação com as outras (Canavarro, 1999). Quanto à ideação paranoide, verifica-se que experiências interpessoais negativas estão

associadas à ideação paranoide e a sentimentos de desconfiança (Gracie et al., 2007). Constata-se também que pensamentos paranoicos podem estar relacionados com ansiedade e preocupações interpessoais, como o medo da rejeição (Freeman et al., 2005). A ideação paranoide estende-se para além dos quadros clínicos e, parece verificar-se que expressões não clínicas ocorrem com grande prevalência na população geral (Bebbington et al., 2013). Verificou-se também uma predição positiva da dimensão psicoticismo sobre a cibervitimização. Esta dimensão pode levar a mudanças nos estados emocionais e na forma de pensar dos indivíduos tornando difícil o entendimento por parte dos mesmos dos seus sentimentos (Ayas & Deniz, 2014). O psicoticismo compreende também indicadores de isolamento interpessoal (Canavaro, 1999). Um estudo de Ayas e Deniz (2014) corrobora a existência de uma predição positiva entre a dimensão de sintomatologia psicoticismo sobre a cibervitimização, tal como no presente estudo. A presença destas dimensões da sintomatologia é concordante com algumas características das cibervítimas, como o relacionamento pobre entre os pares (Figueiredo & Matos, 2017; Ortega-Báron et al., 2019), comportamentos antissociais, baixa autoestima e baixo ajustamento social (Garaigordobil, 2017), apresentando, igualmente, semelhanças com alguns fatores de risco presentes nas cibervítimas, tais como: a procura de interação e busca de apoio e de aceitação nas redes sociais (Sampasa-Kanyinga, 2015). Uma vez que estas são documentadas como os meios onde ocorrem com maior frequência os comportamentos de *cyberbullying*, uma vez que o seu uso faz com que as pessoas fiquem mais expostas aos comportamentos de agressão (Chao & Yu, 2017).

Relativamente à ciberagressão, os resultados da regressão hierárquica múltipla, permitiram verificar que a dimensão do traço da personalidade extroversão, prevê positivamente a ciberagressão e o traço de personalidade amabilidade prevê negativamente a ciberagressão. Os resultados vão de encontro ao que é encontrado na literatura, em que indivíduos extrovertidos tendem a usar a tecnologia com mais frequência para se comunicar (Marshall et al., 2015) e apresentam envolvimento em comportamentos de perpetração de *cyberbullying* para aumentar o seu *status* social (van Geel et al., 2017). As investigações empíricas têm demonstrado associações positivas entre a agressão por *cyberbullying* e o traço de personalidade extroversão (Corcoran et al., 2012; Festl & Quandt, 2013). Relativamente à amabilidade, tal como na análise correlacional, em que se verificou uma associação negativa entre o traço de personalidade amabilidade e ciberagressão, também na análise de regressão hierárquica múltipla, foi verificado um efeito preditor negativo deste traço de personalidade sobre a ciberagressão. Efetivamente, quando falamos no traço de personalidade amabilidade podemos tanto falar em pessoas que são afetuosas, que apresentam sentimentos associados à bondade e relevam-se confiáveis (Gomes & Golino, 2012; Lima, 1997), o que faz com que sejam inibidas a praticar comportamentos como *cyberbullying* (Balakrishnan et al., 2019), ou contrariamente, podemos falar de pessoas menos simpáticas, frias e distantes (Gomes & Golino, 2012).

Implicações práticas, limitações e propostas para estudos futuros

Primeiramente, uma das implicações práticas deste estudo relaciona-se com a importância de análise de prevalência destes comportamentos. A análise da prevalência permite que sejam realizados trabalhos que tenham em vista a intervenção e também planos de prevenção. Uma vez que se verifica que estudos que pretendem estimar as taxas de prevalência destes comportamentos apresentam algumas deficiências metodológicas, não se verificando critérios consensuais para mensurar os comportamentos de vitimização e agressão por *cyberbullying*. Uma outra implicação prática deste estudo passa pelo contributo positivo que este teve ao identificar características da personalidade que podem auxiliar na identificação destas problemáticas, que poderá surtir numa diminuição de comportamentos de risco *online*.

Porém, este estudo apresenta algumas limitações, entre as quais podemos indicar o facto de esta não ser representativa, dado que os participantes representam a população estudantil, o que impede a generalização e comparação dos resultados para a população geral portuguesa. Uma outra limitação relaciona-se com o facto de a presente investigação ser de cariz transversal, o que para além de não permitir inferir causalidade, também não permite prever a possibilidade de uma outra variável estar a surtir efeitos sobre os resultados, e temos de ter em consideração o período de recolha de dados, que ocorreu aquando da pandemia por COVID-19 e,

associado a isto, o confinamento, que por si só gera uma panóplias de impactos negativos (Rajkumar, 2020), que poderão ter tido influência sobre os resultados do presente estudo. Assim, há que admitir a possibilidade dos traços de personalidade e, sobretudo os sintomas descritos e avaliados, serem agravados pelo *cyberbullying* e, assim, haver um agravamento de sintomatologia pré-existente. Além do mais a variância explicada pelos traços de personalidade foi baixa pelo que se deve abrir a possibilidade de outras variáveis serem mais preditivas destes fenómenos. A variância explicada pela sintomatologia foi bastante razoável, mas há que admitir uma relação recíproca, em que esta predispõe e é causada pelos fenómenos em estudo.

Como propostas para estudos futuros, estas variáveis deveriam ser exploradas com recursos a diferentes metodologias, dado que seria interessante perceber a causalidade dos efeitos das variáveis, uma vez que a literatura é limitada quanto ao uso desse tipo de metodologias e de desenhos experimentais, quando falamos sobre esta temática. As pesquisas poderão também ter como foco a exploração de lacunas teóricas, de forma a chegar a um consenso relativamente à definição do que é o *cyberbullying*, já que se trata de um construto que apresenta um grau elevado de discordância na literatura. Parece igualmente importante a investigação de taxas de prevalência destes comportamentos em diferentes contextos, isto porque se verifica atualmente, um uso generalizado da Internet e a presença massiva da maioria da população em redes sociais, local este onde comportamentos de risco *online* são mais relatados.

Detalhes do Financiamento

National funds support Inês Relva work through the FCT—Portuguese Foundation for Science and Technology under the project the Scientific Employment Stimulus - Institutional Call –CEECINST/00127/2018.

References

- Almiro, P. A. (2017). Uma nota sobre a desejabilidade social e o enviesamento de respostas. *Avaliação Psicológica, 16*(3), 253-386. <http://doi.org/10.15689/ap.2017.1603.ed>
- Álvarez-García, D., Barreiro-Collazo, A., & Nunez, J. C. (2017). Cyberaggression among adolescents: Prevalence and gender differences. *Media Education Research Journal, 25*(1), 89-97. <https://doi.org/10.3916/C50-2017-08>
- Álvarez-García, D., Barreiro-Collazo, A., Núñez, J. C., & Dobarro, A. (2016). Validity and reliability of the Cyber-aggression Questionnaire (CYBA) for adolescents. *The European Journal of Psychology Applied to Legal Context, 8*(2), 69-77. <https://doi.org/10.1016/j.ejpal.2016.02.003>
- Álvarez-García, D., Núñez, J. C., Barreiro-Collazo, A., & García, T. (2017). Validation of the Cybervictimization Questionnaire (CYVIC) for adolescents. *Computers in Human Behavior, 70*, 270-281. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2017.01.007>
- Álvarez-García, D., Núñez, J. C., García, T., & Barreiro-Collazo, A. (2018). Individual, family, and community predictors of cyber-aggression among adolescents. *European Journal of Psychology Applied to Legal Context, 10*(2) 79-88. <https://doi.org/10.5093/ejpalc2018a8>
- António, R., Guerra, R., & Moleiro, C. (2020). *Cyberbullying Portugal durante a pandemia do COVID-19*. Centro de Investigação e de Intervenção Social (CIS IUL, ISCTE-IUL).
- Arıcak, O. T. (2009). Psychiatric symptomatology as a predictor of cyberbullying among university students. *Egitim Arastirmalari-Eurasian Journal of Educational Research, 34*, 167-184. <https://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.470.8432&rep=rep1&type=pdf>
- Ayas, T., & Deniz, M. (2014). Predicting the exposure levels of cyber bullying of elementary students with regard to psychological symptoms. *Procedia Social and Behavioral Sciences, 116*, 4910-4913. <https://doi.org/10.1016/j.sbspro.2014.01.1048>
- Bal Krishnan, V. (2018). Actions, emotional reactions and cyberbullying- From the lens of bullies, victims, bully-victims and bystanders among Malaysian young adults. *Telematics and Informatics, 35*(5), 1190-1200. <https://doi.org/10.1016/j.tele.2018.02.002>
- Bal Krishnan, V., Khan, S., Fernandez, T., & Arabnia, H. R. (2019). Cyberbullying detection on twitter using big five and dark triad features. *Personality and Individual Differences, 141*, 252-257. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2019.01.024>
- Barlett, C. P., Rinker, A., & Roth, B. (2021). Cyberbullying perpetration in the COVID 19 era: An application of general strain theory. *The Journal of Social Psychology, 1-11*.

- <https://doi.org/10.1080/00224545.2021.1883503>
- Bebbington, P. E., Bhugra, D., Brugha, T., Singleton, N., Farrell, M., Jenkins, R., Lewis, G., & Meltzer, H. (2004). Psychosis, victimization, and childhood disadvantage: Evidence from the second British national survey of psychiatric morbidity. *The British Journal of Psychiatry*, *185*(3), 220-226. <https://doi.org/10.1192/bjp.185.3.220>
- Caetano, A. P., Amado, J., Martins, M. J. D., Simão, A. M. V., Freire, I., & Pessoa, M. T. R. (2017). Cyberbullying: Motivos da agressão na perspectiva de jovens portugueses. *Educação & Sociedade*, *38*(141), 1017-1034. <https://doi.org/10.1590/es0101-73302017139852>
- Caetano, A., Freire, I., Veiga Simão, A., Martins, M. J. D., & Pessoa, T. (2016). Emoções no cyberbullying: Um estudo com adolescentes Portugueses. *Educação e Pesquisa*, *42*(1), 199-211. <https://doi.org/10.1590/S1517-9702201603138125>
- Campbell, M., & Bauman, S. (2018). Cyberbullying: Definition, consequences, prevalence. In M.A. Campbell & S. Bauman (Eds.), *Reducing Cyberbullying in Schools: International Evidence-Based Best Practices*, (pp. 3-16). Elsevier Inc: London. <https://doi.org/10.1016/B978-0-12-811423-0.00001-8>
- Campbell, M. A., Slee, P. T., Spears, B., Butler, D., & Kift, S. (2013). Do cyberbullies suffer too? Cyberbullies' perceptions of the harm they cause to others and to their own mental health. *School Psychology International*, *34*(6), 613-629. <https://doi.org/10.1177/0143034313479698>
- Canavarro, M. C. (2007). Inventário de Sintomas Psicopatológicos (BSI): Uma revisão crítica dos estudos realizados em Portugal. *Avaliação psicológica: Instrumentos validados para a população portuguesa*, *3*, 305-331.
- Chao, C. M., & Yu, T. K. (2017). Associations among different internet access time, gender and cyberbullying behaviors in Taiwan's adolescents. *Frontiers in Psychology*, *8*, 1-10. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2017.01104>
- Cohen, J. (1988). *Statistical power analysis for the behavioral sciences* (2nd Ed.). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Corcoran, L., Connolly, I., & O'Moore, M. (2012). Cyberbullying in Irish schools: An investigation of personality and self-concept. *The Irish Journal of Psychology*, *33*(4), 153-165. <https://doi.org/10.1080/03033910.2012.677995>
- Costa-Fernandez, E. M. C., & Souza, S. B. (2018). Tecnologias da informação e da comunicação (TICS), cyberbullying e pertencimento cultural. *Revista Ambivalências*, *6*(11), 87-109. <https://doi.org/10.21665/2318-3888.v6n11p87-109>
- Cross, D., Shaw, T., Hadwen, K., Cardoso, P., Slee, P., Roberts, C., Thomas, L., & Barnes, A. (2016). Longitudinal impact of the cyber friendly schools' program on adolescents' cyberbullying behavior. *Aggressive Behavior*, *42*(2), 166-180. <https://doi.org/10.1002/ab.21609>
- Derogatis, L. R., & Spencer, P. M. (1982). *The Brief Symptom Inventory (BSI): Administration and procedures manual-I*. Baltimore, MD: Johns Hopkins University School of Medicine, Clinical Psychometric Research Unit.
- Etkin, P., Walker, J. O., Arenas, V. V., Ortet, G., & Mezquita, L. (2020). Víctima y verdugo: Características de personalidad y psicopatología de los receptores y perpetradores de bullying. *Àgora de Salut*, *7*, 85-93. <http://doi.org/10.6035/AgoraSalut.2020.7.9>
- Faro, A., Bahiano, M. D. A., Nakano, T. D. C., Reis, C., Silva, B. F. P. D., & Vitti, L. S. (2020). COVID-19 e saúde mental: A emergência do cuidado. *Estudos de Psicologia*, *37*, 1-14. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-0275202037e200074>
- Felipe-Castaño, E., León-Del-Barco, B., Polo-Del-Río, M. I., Mendo-Lázaro, S., Gómez Carroza, T., & Fajardo-Bullón, F. (2019). Differential analysis of psychopathological impact of cyberbullying in university students. *Frontiers in Psychology*, *10*, 1-8. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2019.01620>
- Fernandes, O. M. (2000). *Fratria e personalidade: Semelhanças e diferenças entre os irmãos* (Tese de Doutoramento, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro). https://www.researchgate.net/publication/313771545_FRATRIA_E_PERSONALIDADE_semelhanças_e_diferenças_entre_irmaos
- Fernandes, O. M., & Relva, I. C. (2019a). *Questionário de Ciberagressão* (Unpublished manuscript). Departamento de Educação e Psicologia. Universidade de Trás-os Montes e Alto Douro.
- Fernandes, O. M., & Relva, I. C. (2019b). *Questionário de Cibervitimização* (Unpublished manuscript). Departamento de Educação e Psicologia. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.
- Festl, R., & Quandt, T. (2013). Social relations and cyberbullying: The influence of individual and structural attributes on victimization and perpetration via the internet. *Human Communication Research*, *39*(1), 101-126. <https://doi.org/10.1111/j.1468-2958.2012.01442.x>
- Figueiredo, F., & Matos, A. (2017). Agressão apoiada pelas

- tecnologias: O cyberbullying e o autocyberbullying. *Interacções*, 13(45), 119-150. <https://doi.org/10.25755/int.7137>
- Francisco, S. M., Simão, A. M. V., Ferreira, P. C., & Martins, M. J. (2015). Cyberbullying: The hidden side of college students. *Computers in Human Behavior*, 43, 167-182. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2014.10.045>
- Freeman, D., Garety, P. A., Bebbington, P., Slater, M., Kuipers, E., Fowler, D., Green, C., Jordan, J., Ray, K., & Dunn, G. (2005). The psychology of persecutory ideation II: A virtual reality experimental study. *The Journal of Nervous and Mental Disease*, 193(5), 309-315. <https://doi.org/10.1097/01.nmd.0000161686.53245.70>
- Garaigordobil, M., & Machimbarrena, J. M. (2019). Victimization and perpetration of bullying/cyberbullying: Connections with emotional and behavioral problems and childhood stress. *Psychosocial Intervention*, 28(2), 67-73. <https://doi.org/10.5093/pi2019a3>
- Garaigordobil, M., Mollo-Torrico, J. P., Machimbarrena, J. M., & Páez, D. (2020). Cyberaggression in adolescents of Bolivia: Connection with psychopathological symptoms, adaptive and predictor variables. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 17(3), 1-17. <https://doi.org/10.3390/ijerph17031022>
- Gracie, A., Freeman, D., Green, S., Garety, P. A., Kuipers, E., Hardy, A., Ray, K., Dunn, P., Bebbington, P., & Fowler, D. (2007). The association between traumatic experience, paranoia and hallucinations: A test of the predictions of psychological models. *Acta Psychiatrica Scandinavica*, 116(4), 280-289. <https://doi.org/10.1111/j.1600-0447.2007.01011.x>
- Gomes, C. M. A., & Golino, H. F. (2012). Hierarchical relationship between the broad traits of the big five. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 25(3), 445-456. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722012000300004>
- Gosling, S. D., Rentfrow, P. J., & Swann Jr, W. B. (2003). A very brief measure of the bigfive personality domains. *Journal of Research in Personality*, 37(6), 504-528. [https://doi.org/10.1016/S0092-6566\(03\)00046-1](https://doi.org/10.1016/S0092-6566(03)00046-1)
- Ho, T. T. Q., Li, C., & Gu, C. (2020). Cyberbullying victimization and depressive symptoms in Vietnamese university students: Examining social support as a mediator. *International Journal of Law: Crime and Justice*, 63, 1-10. <https://doi.org/10.1016/j.ijlcrj.2020.100422>
- Içellioglu, S., & Ozden, M. S. (2014). Cyberbullying: A new kind of peer bullying through online technology and its relationship with aggression and social anxiety. *Procedia-Social and Behavioral Sciences*, 116, 4241-4245. <https://doi.org/10.1016/j.sbspro.2014.01.924>
- Ildirim, E., Çalici, C., & Erdogan, B. (2017). Psychological correlates of cyberbullying and cyber-victimization. *The International Journal of Human and Behavioral Science*, 3(2), 7-21. <https://doi.org/10.19148/ijhbs.365829>
- Jung, Y. E., Leventhal, B., Kim, Y. S., Park, T. W., Lee, S. H., Lee, M., Park, S.H., Yang, J.C., Chung, Y.C., Chung, S.K., & Park, J. I. (2014). Cyberbullying, problematic internet use, and psychopathologic symptoms among Korean youth. *Yonsei Medical Journal*, 55(3), 826-830. <https://doi.org/10.3349/ymj.2014.55.3.826>
- Kowalski, R. M., & Limber, S. P. (2013). Psychological, physical, and academic correlates of cyberbullying and traditional bullying. *Journal of Adolescent Health*, 53(1), 13-20. <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2012.09.018>
- Kubiszewski, V., Fontaine, R., Potard, C., & Auzoult, L. (2015). Does cyberbullying overlap with school bullying when taking modality of involvement into account?. *Computers in Human Behavior*, 43, 49-57. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2014.10.049>
- Law, D. M., Shapka, J. D., Hymel, S., Olson, B. F., & Waterhouse, T. (2012). The changing face of bullying: An empirical comparison between traditional and internet bullying and victimization. *Computers in Human Behavior*, 28(1), 226-232. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2011.09.004>
- Lima, M. (1997). NEO-PI-R: *Contextos teóricos e psicométricos: "OCEAN" ou "iceberg"?* (Tese de Doutorado, Universidade de Coimbra). <http://hdl.handle.net/10400.12/1647>
- Marôco, J. (2007). *Análise estatística com utilização do SPSS* (3ª Ed.). Lisboa: Sílabo
- Marôco, J. (2014). *Análise das equações estruturais: Fundamentos teóricos, software & aplicações* (2ª Ed.). Portugal: Report Number.
- Marshall, T. C., Lefringhausen, K., & Ferenczi, N. (2015). The big five, self-esteem, and narcissism as predictors of the topics people write about in facebook status updates. *Personality and Individual Differences*, 85, 35-40. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2015.04.039>
- Martínez-Monteagudo, M. C., Delgado, B., Díaz-Herrero, Á., & García-Fernández, J. M. (2020). Relationship between suicidal thinking, anxiety,

- depression and stress in university students who are victims of cyberbullying. *Psychiatry Research*, 286, 1-6. <https://doi.org/10.1016/j.psychres.2020.112856>
- Nunes, A., Limpo, T., Lima, C. F., & Castro, S. L. (2018). Short scales for the assessment of personality traits: Development and validation of the Portuguese Ten-Item Personality Inventory (TIPI). *Frontiers in Psychology*, 9, 1-5. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2018.00461>
- Ortega-Barón, J., Iranzo, B., Carrascosa, L., & Clemente, A. J. (2019). Satisfacción con la vida, sintomatología depresiva, y soledad en víctimas de cyberbullying. *International Journal of Developmental and Educational Psychology*, 5(1), 355-362. <https://revista.infad.eu/index.php/IJODAEP/article/view/1609>
- Ortega-Barón, J., Torralba, E., & Buelga, S. (2017). Distrés psicológico en adolescentes víctimas de cyberbullying. *Revista de Estudios e Investigación en Psicología y Educación*, 4(1), 10-17. <https://doi.org/10.17979/reipe.2017.4.1.1767>
- Ortega-Barón, J., Vázquez, S. B., & Torralba, E. (2015). Simptomatologia depressiva, estrès percebut i suport social en adolescents víctimes de ciberassetjament. *Anuari de Psicologia de la Societat Valenciana de Psicologia*, 16(2), 91-104. <https://doi.org/10.7203/anuari.psicologia.16.2.91>
- Pallant, J. (2011). *SPSS survival manual: A step by step guide to data analysis using SPSS for windows* (4th Ed.). Australia: Allen & Unwin
- Rajkumar, R. P. (2020). COVID-19 and mental health: A review of the existing literature. *Asian Journal of Psychiatry*, 52, 1-5. <https://doi.org/10.1016/j.ajp.2020.102066>
- Resett, S., & Gámez-Guadix, M. (2017). Traditional bullying and cyberbullying: Differences in emotional problems, and personality. Are cyberbullies more machiavellians? *Journal of Adolescence*, 61, 113-116. <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2017.09.013>
- Safaria, T. (2016). Prevalence and impact of cyberbullying in a sample of Indonesian junior high school students. *Turkish Online Journal of Educational Technology Tojet*, 15(1), 82-91. <https://eric.ed.gov/?id=EJ1086191>
- Sampasa-Kanyinga, H. (2015). Social networking sites and mental health problems in adolescents. *European Psychiatry*, 30(8), 1021-1027. <https://doi.org/10.1016/j.eurpsy.2015.09.011>
- Schenk, A. M., & Fremouw, W. J. (2012). Prevalence, psychological impact, and coping of cyberbully victims among college students. *Journal of School Violence*, 11(1), 21-37. <https://doi.org/10.1080/15388220.2011.630310>
- Servidio, R. (2019). A discriminant analysis to predict the impact of personality traits, self-esteem, and time spent online on different levels of internet addiction risk among university students. *Studia Psychologica*, 61(1), 56-70. <https://doi.org/10.21909/sp.2019.01.772>
- Simsek, N., Sahin, D., & Evli, M. (2019). Internet addiction, cyberbullying, and victimization relationship in adolescents: A sample from turkey. *Journal of Addictions Nursing*, 30(3), 201-210. <https://doi.org/10.1097/JAN.0000000000000296>
- Slonje, R., Smith, P. K., & Frisén, A. (2013). The nature of cyberbullying, and strategies for prevention. *Computers in Human Behavior*, 29(1), 26-32. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2012.05.024>
- Song, M., Zhu, Z., Liu, S., Fan, H., Zhu, T., & Zhang, L. (2019). Effects of aggressive traits on cyberbullying: Mediated moderation or moderated mediation?. *Computers in Human Behavior*, 97, 167-178. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2019.03.015>
- Stoughton, J. W., Thompson, L. F., & Meade, A. W. (2013). Big five personality traits reflected in job applicants' social media postings. *Cyberpsychology, Behavior and Social Networking*, 16(11), 800-805. <https://doi.org/10.1089/cyber.2012.0163>
- Wilton, C., & Campbell, M. (2011). An exploration of the reasons why adolescents engage in traditional and cyber bullying. *Journal of Educational Sciences and Psychology*, 1(2), 101-109. <https://eprints.qut.edu.au/47912/1/47912A.pdf>
- Yang, F. (2021). Coping strategies, cyberbullying behaviors, and depression among Chinese netizens during the COVID-19 pandemic: A web-based nationwide survey. *Journal of Affective Disorders*, 281, 138-144. <https://doi.org/10.1016/j.jad.2020.12.023>